

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

## O BLOCO DAS FLORES NO CARNAVAL DO RECIFE – 1920/1937

Andréa Cadena Bandeira de Mélo

Mestranda em História da UNICAP

[andreacadena10@hotmail.com](mailto:andreacadena10@hotmail.com)

O início do Século XX será marcado pelo surgimento dos Blocos Carnavalescos Mistos. Esses blocos surgem no Carnaval da cidade do Recife como modelo de modernidade e civilização de como brincar um Carnaval sadio e respeitoso. Assim, o Bloco das Flores será criado e dará início à participação feminina nos festejos carnavalescos da cidade, trazendo novos elementos para os desfiles e sua contribuição para o surgimento de outros blocos nesse período.

Os periódicos analisados nesse estudo foram A Província, Jornal do Recife, Diário de Pernambuco e A Nota, no período entre 1920 e 1937, ano em que o Bloco das Flores parou de desfilar no carnaval do Recife após o falecimento de seus fundadores. No trabalho da professora e historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto, “Historiografia: (in)certos diálogos” (2012:85) ela destaca o trabalho com as fontes, o ofício do historiador nessa produção historiográfica, como as condições sociais, onde se produz e para quem se produz, “os pressupostos teóricos e metodológicos, relativos ao *modus operandi* da historiografia, orientam as tarefas com quaisquer fontes utilizadas, sejam escritas, orais, iconográficas, entre outras”. Desse modo, analisando a história do bloco através desse conceito, investigando, pesquisando as fontes, os relatos de seus participantes e que a representatividade de cada elemento no bloco trará uma contribuição para uma construção narrativa sobre o bloco no carnaval do Recife.

Da Matta (1997) analisa o carnaval por uma ideia de inversão de papéis, uma festa popular que faz parar um país, mas com estruturas, formalidades e ordens para participar da festa através dos blocos, cordões e escolas, diferente de outros rituais como o Dia da Pátria, que segue toda hierarquia e protocolo.

O Bloco das Flores fundado no ano de 1920 por Pedro Salgado, conhecido como “Coronel Pedro Salgado”, português por nascimento, mas que aos dezoito anos veio para

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

o Brasil, tem o registro de ser o primeiro bloco nessa categoria de Blocos Carnavalescos Mistos, segundo o historiador Leonardo Dantas (2019), e como muitos blocos ele foi criado por um grupo de artistas, jornalistas e compositores de marchinhas de Carnaval, e alguns até hoje permanecem desfilando no Carnaval do Recife.

Nos primeiros anos chamou-se “Bloco Flores Brancas”, foi posteriormente mudado por sugestão do jornalista Guilherme de Araújo, do “Jornal Pequeno”, ficando apenas “Bloco das Flores”, registrada tal mudança no Jornal “A Província”, na coluna Carnaval, de 24/02/1922: “O “BLOCO FLORES BRANCA” MUDA DE NOME - Recebemos este sympathizado bloco, avisa aos seus admiradores que resolveu mudar o seu nome para Bloco das flores.”

Apesar dos poucos registros sobre os blocos líricos no carnaval do Recife na década de 1920, é importante destacar os recentes trabalhos de Juliana Dias Palmeira, Lucas Victor Silva, Mário Ribeiro dos Santos e Maria Isabelle Domitilia Barros Pereira, que trazem abordagens sobre os Blocos Líricos e o Carnaval. Como bem define Michel de Certeau (CERTEAU, 2010:66) sobre o trabalho do historiador, “mostrar que a operação histórica se refere à combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita”, e dialogando com esse pensamento faz-se necessário uma breve análise histórica da cidade do Recife no início do século XX para a escrita historiográfica do bloco.

Algumas das características de carnavais do século passado como o entrudo e as limas ou limão de cheiro se faziam presentes no início do século XX, e a cidade do Recife presenciou essa “brincadeira”. O entrudo<sup>1</sup> trazido pelos portugueses e proibido por diversas vezes pelo governo local continuava a ser praticado. Era uma “brincadeira” comum durante o carnaval, era violento, com tiragem de ovos, lama, registrado pela imprensa e viajantes, e pelo pintor e engenheiro francês Jean Baptiste Debret, como registra Dantas (2001:38). O limão-de-cheiro era artesanal, feito de cera e geralmente do tamanho de uma laranja, e dentro colocavam um líquido, água, urina, “e na batalha entravam também polvilho, cal, alvaiade, pó-de-mico e outros de várias cores” (COSTA,2001).

---

<sup>1</sup> O entrudo nos anos 60 e 70 do século XX seriam o nosso mela-mela, para fazer uma comparação aproximada.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

No Rio de Janeiro ainda no século XIX alguns clubes de carnaval praticavam ações comunitárias, sociais e até antiescravagistas, apesar de usar a mão-de-obra escrava na confecção das limas usadas no entrudo, como relata Haroldo Costa (2001), componentes dos clubes durante os desfiles pediam donativos para ajudar instituições como asilos e alforria para escravos. Em 1864 o clube Tenentes do Diabo (RJ) usou o dinheiro do desfile para comprar a alforria de doze escravos e que depois participavam dos desfiles. Tinha também um anônimo Dominó Azul que vendia sonetos durante os dias de carnaval e a arrecadação era entregue a irmã Paula que cuidava de enfermos e desabrigados.

O Recife nas primeiras décadas do século XX passava por transformações e modernidades aos moldes europeus – *a belle époque* e ainda as influências da capital, o Rio de Janeiro. Modernidade física/estrutural com a construção de prédios, avenidas, museus, teatros, e social com a construção de vilas residenciais, centros educativos com cursos profissionalizantes, serviço de transportes. Em sua dissertação intitulada “Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945)”, Mário Ribeiro dos Santos destaca a atuação do Estado e a organização da festa carnavalesca como “uma época marcada por medidas normativas de prevenção da moral e dos bons costumes, e, em contraponto, pela imposição do ideário da modernidade”. (SANTOS, 2010:12)

Entre as transformações no carnaval do século XX, estava a forte presença dos clubes. Os clubes pedestres foram criados por trabalhadores de uma mesma categoria como o Clube Vassourinhas, Espanadores, Lenhadores, enquanto os blocos carnavalescos foram criados por familiares dos bairros do Recife, dando “condições ao elemento feminino de participar do carnaval das ruas centrais do Recife, protegido da mistura da massa que acompanhava os clubes e troças” (SILVA, 2019:171).

Haroldo Costa (2001) analisando o carnaval no Rio de Janeiro nesse período também atribui o surgimento dos blocos a famílias inteiras que se reúnem para brincar o carnaval, tratando como uma atividade coletiva e mais adiante para o surgimento das escolas de samba.

Juliana Dias Palmeira em seu trabalho “Blocos Carnavalescos Mistos e as relações de gênero na folia das ruas do Recife na década de 1920” (2014:3750) afirma que:

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A formação dos Blocos Mistos não representa a única entrada das mulheres na festa e na rua, posto que, em outros tipos de agremiações e em outros setores sociais, elas estavam presentes. O adjetivo inovador fica por conta da ideia de legitimação da participação feminina nas ruas da cidade segundo os padrões de moralidade impostos na época, que de certa forma obedecia às noções de progresso que pairava na cidade devido às modernizações.

As mulheres não eram proibidas de brincar Carnaval, porém as que caíam nos festejos carnavalescos não eram bem-vistas pela sociedade, eram qualificadas como “imorais”, “indecentes”, “degeneradas” e além de serem de camadas mais pobres da sociedade. Os blocos são das mulheres, mas das mulheres de “família”, “respeitáveis”. A presença da família e principalmente das mulheres nessa festa trazia uma impressão de respeito, bons costumes e com isso as mulheres tiveram mais circulação entre os espaços da cidade e o Carnaval.

Com o propósito de inserir a participação das mulheres - moças de família - na festa carnavalesca num período em que o Recife passava por transformações e modernidades aos moldes europeus e dando um caráter familiar aos festejos, os ensaios e acertos de marchas eram realizados na residência do seu fundador, coronel Pedro Salgado, na Rua Imperial nº 365, bairro de São José, onde “A grande festa pública carnavalesca acontecia, de fato, nas principais freguesias do Recife: Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista” (ARAÚJO, 1996:232).

O primeiro desfile do Bloco das Flores aconteceu com um grupo composto por cem mulheres, que também faziam parte do coral, cinquenta músicos e uma orquestra de pau e corda – violões, bandolins, banjos, cavaquinhos. A imprensa da época, os jornais em circulação na cidade eram os principais meios de comunicar e convocar os “sócios” e foliões para os ensaios e passeatas carnavalescas, e era de praxe os blocos após os ensaios saírem para visitar as sedes de outros blocos e jornais.

Outra importante contribuição para o surgimento e sucesso do Bloco das Flores foi Raul Corumila de Moraes, ou simplesmente Raul Moraes, famoso musicista, compositor oficial e diretor da orquestra do bloco, que recebeu o título de “Príncipe das Marchas de Bloco”, em razão dos mais variados gêneros em seu repertório além do frevo de bloco, onde “se destaca pelas suas introduções, riqueza melódica e pelo conteúdo

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

poético das letras até hoje não superadas” (SILVA, 2019:200). É de sua autoria o hino do bloco - “Marcha da Folia” e a “Marcha Regresso” em 1924.

Outros blocos apresentam a efetiva participação feminina na festa carnavalesca, como o Bloco da Neve, noticiado no jornal A Província “Acaba de ser fundado na rua da Concórdia(...)o “Bloco carnavalesco da Neve” composto de gentis senhorinhas e distintos rapazes” e o Bloco “Isso é que eu gosto!”:

Um grupo de distintas senhoras e senhoritas tomará parte nas festas carnavalescas, percorrendo as ruas do Recife em lindo caminhão, artisticamente ornamentado. Composto de elementos da nossa elite social e sob a denominação de Bloco “Isso é que eu gosto”, esse grupo dará a nota chic do próximo carnaval, cantando durante o percurso pelas ruas uma belíssima marcha. A letra e música dessa canção, que se acha ensaiada devidamente, são de um de nossos mais festejados compositores, que a oculta sob o pseudônimo de Serpen Tina e G.Toni. (A.G.) (A Província em 09/02/1922, p.02)

O Bloco das Flores também trouxe novos elementos durante os desfiles pelas ruas da cidade, como a orquestra de pau e corda, um coral feminino, as fantasias eram simples nos primeiros desfiles, mas ficaram elegantes e bem elaboradas. Anunciando o bloco vinha o “flabelo”, que é um tipo de cartaz onde está escrito o nome do bloco, o símbolo e data de sua fundação, abrindo o cortejo pelas ruas da cidade encantando com suas evoluções e coreografias, o perfume que é lançado no ar e no público durante o desfile, as flores que são trazidas nas cestas das participantes durante o desfile e distribuídas só no final do cortejo ao público que assiste ao desfile da agremiação e os jetones - que eram caramelos arremessados entre moças e rapazes. “Assim, elementos, temas, práticas, ritos e gestos expressos nas manifestações culturais são passíveis de se repetirem e de reaparecerem em diversos momentos e em locais os mais distantes”. (ARAÚJO, 1996:62)

Quanto ao gênero musical e seus instrumentos de pau e corda, os blocos carnavalescos mistos diferem do frevo rasgado do carnaval de rua dos Clubes Pedestres do Recife, aliás o frevo não era permitido ser tocado no bloco. As letras das músicas eram mais românticas, saudosistas, melancólicas e as evoluções dos foliões eram numa cadência lenta, no ritmo da música. Essa peculiaridade no ritmo e letras das músicas darão origem ao chamado “Frevo de Bloco”, e mais adiante esses blocos irão adotar o nome de Bloco Carnavalesco Lírico.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O Bloco das Flores tem o maior número de frevos em sua homenagem ou alusivos desde sua fundação, por renomados compositores como Nelson Ferreira, Romero Amorim e Getúlio Cavalcanti, cantadas até hoje durante os desfiles do bloco no carnaval<sup>2</sup>.

<i>“Bloco das Flores, Andaluzas, Cartomantes Camponeses, Apôis Fum e o Bloco Um Dia Só Os Corações Futuristas, Bobos em Folia Pirilampos de Tejió”</i>	<i>“Felinto, Pedro Salgado, Guilherme, Fenelon Cadê seus blocos saudosos? Bloco das Flores, Andaluzas, Pirilampos, Apôis-fum Dos Carnavais Saudosos”.</i>
--	---

## **Valores do Passado, Edgard Moraes**

Como vimos as músicas apresentadas nos blocos carnavalescos líricos eram bem diferentes das músicas do carnaval geral, que apresentavam algumas letras de cunho crítico, deboche, como uma charge musical, “debochando dos poderosos ou das situações que eles causam” (COSTA,2001) a exemplo das músicas “Rato, rato” (1904) e “Ai, Seu Mé” (1921), está última anunciada sua proibição em jornais locais do Recife.

Sobre como era o Carnaval de rua na cidade do Recife, Rita de Cássia (ARAÚJO,1996:361) assim destaca:

O frevo está na rua, valente, furioso, violento e vitorioso. Emergia da massa popular, tendo por esteio os clubes pedestres e suas orquestras. A eles, juntavam-se os indivíduos desgarrados, atomizados, sem laços que os definissem socialmente e lhes dessem um lugar estabelecido no mundo da ordem: trabalhadores braçais, jornaleiros, biscateiros, empregados domésticos e, também, capoeiras, vadios, desordeiros, prostitutas, capangas e moleques de rua.

Leonardo Dantas (2019) relata no capítulo “carnavais de sangue” a preocupação das autoridades policiais e dos organizadores dos carnavais com as brigas, violências e até mortes entre os clubes carnavalescos pedestres desse início do século XX, que apesar das investidas da polícia no sentido de coibir continuou durante anos, e só em 1932 os próprios carnavalescos fundam a Liga Carnavalesca do Recife e em 1934, sob a sugestão do jornalista Mario Mello fundam a Federação Carnavalesca Pernambucana - FECAPE, com o propósito de ordenar, regular, coibir a violência e na sua diretoria não tinham participantes dos clubes para garantir a sua imparcialidade. Assim como no Recife outras

---

<sup>2</sup> “Evocação nº 1” de Nelson Ferreira, “Valores do Passado” de Edgard Moraes, “Blocos das Flores” de Getúlio Cavalcanti, “Pirata José” de Alceu Valença e muitos outros.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

idades do Brasil, como o Rio de Janeiro, passavam por esse controle e códigos de comportamento nos festejos. A federação passou a influenciar nos modelos de fantasias e até nas vestes dos porta-estandartes.

Porém, analisando os documentos e estatutos da Federação percebe-se nas entrelinhas outros interesses, quando em memorial dirigido à Assembleia Legislativa pelo seu presidente destaca a proibição de qualquer manifestação de caráter político na federação e nos clubes filiados. Ou seja, estavam preocupados “em particular do comunismo, que ameaçavam recrutar adeptos entre as camadas populares naqueles dias que antecederam a Intentona Comunista de 24 de novembro de 1935” (SILVA, 2019:290). Vale ressaltar que as agremiações e Clubes Pedestres eram formados também por uma classe operária que brincava carnaval e “oriundos da classe trabalhadora urbana pobre e remediada, passaram a integrar definitivamente os festejos carnavalescos de rua da cidade do Recife, a partir da década de 1880”. (ARAÚJO, 1996:335)

Os jornais da época em suas colunas especiais onde abordavam o tema Carnaval, anunciavam as principais e mais famosas casas de armarinho onde vendiam os adereços para as festas, fantasias, confetes, serpentinas e lança-perfumes. Segundo o historiador Leonardo Dantas em seu livro Carnaval do Recife, ele faz um breve histórico sobre o artefato lança-perfume como “a grande invenção do Carnaval Brasileiro” (SILVA, 2019:155). As primeiras lança-perfumes eram fabricadas na Suíça, chegaram no Rio de Janeiro em 1906 e espalhou sua comercialização de norte a sul do país. Seu uso durante a folia “servia como corte às damas, que tinha por objetivo perfumar e agradar o sexo oposto” (2019:155), porém o seu mau uso por alguns brincantes como esguichar o produto nos olhos das pessoas e “o hábito do “porre de lança” (...), veio a contribuir para a proibição de tão romântico brinquedo. O seu uso indevido passou a fazer parte das proibições das portarias policiais.” (2019:157) Dessa forma, Jânio da Silva Quadros sob a presidência da República em 1960, vai interferir na comercialização e uso da lança-perfume proibindo “a fabricação, o comércio e o uso do lança-perfume no território nacional”<sup>3</sup>.(2019:159)

---

<sup>3</sup> Decreto nº 51.211, de 18 de agosto de 1961.

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O carnaval era um período tão movimentado que em anúncio na coluna “pequenos anúncios” no jornal Diário de Pernambuco<sup>4</sup>, emprestava-se até dinheiro para as pessoas não deixarem de brincar o carnaval, aceitando como garantia joias, fazendas, cautelas da Caixa Econômica, além da prática do aluguel de casas, salas, janelas, varandas, lojas e até porta de lojas durante os dias de carnaval nas principais ruas onde passavam os cortejos de momo. A rua da Imperatriz era a mais mencionada nesses anúncios, mas também havia aluguéis na Praça da Independência e rua Nova. Em anúncio publicado no Jornal do Recife<sup>5</sup>, era alugada “uma grande sala mobiliada, tendo bom piano no ponto melhor da rua da Imperatriz”, além de aluguéis de Caminhões para o carnaval ornamentados e fabricação de flores artificiais, lembrando do curso que desfilava também pelas ruas da cidade.

Os blocos carnavalescos líricos, assim como o frevo, fazem parte da cultura e tradição da cidade do Recife, onde a população se reconhece nessas manifestações. Relacionar essas manifestações com a concepção de patrimônio cultural da cidade será uma tarefa de interpretação a partir da palavra patrimônio, que tem qualificações diversas e podendo estar relacionada à propriedade material, cultura, histórica, à música e outras, e aos chamados “patrimônios intangíveis” ou “imateriais” que seriam os lugares, festas, religiões, música, dança, como uma forma de registrar e a partir dessa ideia preservar a sua história, identidade e costumes. Para entender o termo patrimônio vale destacar Regina Abreu (2009) quando trabalha esse conceito e ainda amplia o debate para os “patrimônios emergentes” – o genético e o intangível. Ela analisa que esse termo começou a ser construído a partir da Revolução Francesa quando o patrimônio saiu do privado, colocando os bens de determinados grupos para o coletivo, dando uma concepção de bem comum pertencente a nação, sinalizando a importância do patrimônio para nossa história, “como bem coletivo associado ao sentimento nacional” (ABREU, 2009). E nessa concepção de tentar criar uma unidade com os conceitos atuais de humanidade, respeito, onde abrangesse todas essas informações foi dado o nome de patrimônio intangível.

A globalização, a modernidade, os tempos do século XXI nos fez repensar nossa história, nosso passado e costumes, valorizar não apenas o material, o palpável, o

---

<sup>4</sup> Diário de Pernambuco 26/01/1921 p.06

<sup>5</sup> Jornal do Recife - 17/02/1922, p.07

## ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

concreto. Nossa sociedade e costumes é construída também através de memórias, de tradição, de novas visões de mundo e humanidade. Nesse contexto de preservação do bloco destaco a memória coletiva que ultrapassa o plano individual. As memórias são construções de grupos sociais, por isso não podem ser separadas da sociedade, essas lembranças vão se tornando um patrimônio daquela comunidade. (HALBWACHS, 2006)

Sobre patrimônio Isabel Guillen (2016), destaca o papel do historiador, propondo reflexões sobre a discussão e conceitualização de patrimônio imaterial, colocando para observação as questões éticas e políticas sobre o assunto. A crescente patrimonialização de “bens” culturais vai ser debatida, buscando fazer a historiografia referente ao patrimônio cultural, analisar e questionar as narrativas fazendo uma relação com o lugar de memória e seus aspectos sócio-políticos. Pensar memória como formação de uma identidade.

Patrimônio Imaterial, bem antes estudado por folcloristas e antropólogos, agora terá a contribuição do historiador reafirmando a necessidade dessa interdisciplinaridade dos historiadores com outros profissionais para analisar, discutir e redefinir o conceito de patrimônio, destacando o trabalho do historiador como bem define Durval (2019) como um tecelão, reunindo e costurando todas as informações trazidas pelo grupo a ser posto a reconhecimento.

A Constituição de 1988<sup>6</sup> em seus artigos 215 e 216 e o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -, terão um papel primordial no reconhecimento do patrimônio intangível após a criação do Decreto nº 3.551/2000<sup>7</sup> onde bens da “cultura popular” foram reconhecidos como patrimônio imaterial do Brasil<sup>8</sup>, e que devem também serem preservados pelo Estado juntamente com a sociedade.

---

<sup>6</sup>**Art. 215.** O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.  
**Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: (...)

<sup>7</sup> [http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto\\_n\\_3.551\\_de\\_04\\_de\\_agosto\\_de\\_2000.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/Decreto_n_3.551_de_04_de_agosto_de_2000.pdf)

<sup>8</sup> <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

O Bloco das Flores parou de desfilar em 1937, após o falecimento dos dois importantes fundadores do bloco, Pedro Salgado e Raul Moraes, deixando sua contribuição no carnaval pernambucano assim como tantos blocos que surgiram nesse período da história do Recife por sua participação feminina, seus novos elementos trazidos nos desfiles. Após sessenta e três anos sem desfilar será retomado através da iniciativa e empenho da pesquisadora Jane Emirce de Melo<sup>9</sup> e Francisco de Assis Maciel, que em 2000 oficializa o seu retorno no carnaval pernambucano encantando os foliões. Essa segunda fase do bloco trará além do nome os mesmos elementos – coral feminino, banda de pau e cordas, flabelo, banho de cheiro e jetones -, mas essa segunda fase do bloco será tema para outra pesquisa!

## **MARCHA DA FOLIA**

**Raul Moraes 1924**

### **Hino do Bloco das Flores**

Bloco das Flores por onde passa  
Semeia com tal graça ao som de lindas canções  
E os esplendores dessa alegria  
Que as almas extasiam  
E apaixona os corações.

Viva a folia do carnaval  
Intensa alegria sem outra igual  
Que olvidar faz a dor ferina  
E nos ensina a sorrir e amar

Temos na vida só dissabores  
Tristezas, amargores e a desilusão final  
Mas de vencida o mal levamos  
E esqueçamos que sofremos divertindo o carnaval

Viva a folia do carnaval  
Intensa alegria sem outra igual

---

<sup>9</sup> Jane Emirce de Melo – pesquisadora e membro do Bloco das Flores. Em 15 de janeiro de 2000, no Clube da Chesf, juntamente com Francisco de Assis Maciel foram os responsáveis por esse retorno do bloco.

# ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Que olvidar faz dor ferina  
Que nos ensina a sorrir e amar

## Referências:

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história) São Paulo: Intermeios, 2019.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Festas: máscaras do tempo: entrudo, mascarada e frevo no carnaval do Recife. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife. 1996.
- \_\_\_\_\_, Carnaval do Recife: a alegria guerreira. *Estud. Av.*, São Paulo, v. 11, n.29, 1997.
- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos. 2ª ed – Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. 16 ed. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2010.
- COSTA, Haroldo. 100 anos de carnaval no Rio de Janeiro. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Patrimônio e história: reflexões sobre o papel do historiador. *Diálogos*, v. 18, n.2, 637-660, 2014.
- HALBWACHS, M. A Memória Coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.
- MAIOR, Mário Souto e SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. FUNDAJ: Editora Massangana, 1991.
- MATTA, Roberto da. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6ª ed. – Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MELO, Apolônio Gonçalves de. Recordação dos Carnavais de 1904 a 1965, In: Antologia do Carnaval do Recife. FUNDAJ: Editora Massangana, 1991.
- MELO, Jane Emirce de. Bloco das Flores, história e poesia de um resgate.
- NEPOMUCENO, Eric Brasil. Paradoxos carnavalescos: a presença feminina em carnavais da Primeira República (1889-1910). *Clio – Revista de Pesquisa*, v.31., n.1 (2013)
- NETO, Regina Beatriz Guimarães. Historiografia: (in)certos diálogos, In: Barbosa Cibele (org.). Teoria da história e historiografia: debates pós-68 – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2012.

## **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

PALMEIRA, Juliana Dias e PACHECO, Ricardo de Aguiar. Blocos Carnavalescos Mistos e as relações de gênero na folia das ruas do Recife na década de 1920. 18º REDOR – Universidade Federal Rural de Pernambuco. 2014.

\_\_\_\_\_, Bloco Misto: A presença das mulheres no Carnaval de rua do Recife/PE na década de vinte do século XX. Artigo. XXVII Simpósio Nacional de História. 2013.

PALMEIRA, Juliana Dias. “Aqui, apesar do frevo, há moralidade”: a presença das mulheres no Bloco Carnavalesco Misto do Recife na década de 1920. Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife, 2015.

PEREIRA, Maria Isabelle Domitília Barros. Valores do passado: tradição e nostalgia no Bloco da Saudade. Dissertação. (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2013.

RABELLO, Evandro. O Recife e o Carnaval, In: MAIOR, Mário Souto e SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. FUNDAJ: Editora Massangana, 1991.

SANTOS, Mário Ribeiro dos. Trombones, Tambores, Repiques e Ganzás: a festa das agremiações carnavalescas nas ruas do Recife (1930-1945). Dissertação. (Mestrado em História Social da Cultura Regional) – Universidade Federal Rural de Pernambuco – Recife, 2010.

SILVA, Leonardo Dantas. Estudo Introdutório, In: MAIOR, Mário Souto e SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. FUNDAJ: Editora Massangana, 1991.

SILVA, Leonardo Dantas. Carnaval do Recife. 2 ed. Revisada e ampliada. Recife: CEPE, 2019.

SILVA, Lucas Victor. O Carnaval na cadência dos sentidos: Uma história sobre as representações das folias do Recife entre 1910 e 1940. Tese. (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009.

TRINDADE, Aristófanés. Bloco das Flores. Diário de Pernambuco. Recife, 29/11/1976.

VIANA, Paulo Nunes. Carnaval de Pernambuco, In: MAIOR, Mário Souto e SILVA, Leonardo Dantas (orgs). Antologia do Carnaval do Recife. FUNDAJ: Editora Massangana, 1991.

# **ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021**

## **JORNAIS**

A Província - período entre 1920 e 1937

Jornal do Recife - período entre 1920 e 1937

Diário de Pernambuco - período entre 1920 e 1937

A Nota - período entre 1920 e 1937